



**EOIN  
COLFER**

# AVIADOR



Tradução de  
ALVES CALADO



Rio de Janeiro | 2009





*Para Declan Dempsey*





## SUMÁRIO

Prólogo 9

### Parte 1: Broekhart

Capítulo 1: A princesa e o pirata 29  
Capítulo 2: La Brosse 53  
Capítulo 3: Isabella 69  
Capítulo 4: Traição e conspiração 95

### Parte 2: Finn

Capítulo 5: Pequena Salgada 127  
Capítulo 6: Encontrando Wynter 135  
Capítulo 7: O garfo do diabo 161  
Capítulo 8: Conor Finn 175  
Capítulo 9: Luz no fim 197  
Capítulo 10: Quatorze azarado 203  
Capítulo 11: À rainha sua coroa 229



### Parte 3: O aviador

Capítulo 12: Anjo ou demônio	279
Capítulo 13: O retorno do soldado	305
Capítulo 14: Cabeças juntas	321
Capítulo 15: Para casa	333
Capítulo 16: Cobras no capim	343
Capítulo 17: Teia emaranhada	359
Capítulo 18: Mais pesado que o ar	393
Capítulo 19: Separados por um tempo	443





## PRÓLOGO

Conor Broekhart nasceu para voar ou, mais exatamente, nasceu voando. Ainda que a lenda de Broekhart seja atulhada de narrativas fantásticas, seria muito difícil acreditar na história de seu primeiro voo no verão de 1878, não fossem os milhares de testemunhas. Na verdade, um relato de seu nascimento num balão de ar quente pode ser lido nos arquivos do jornal francês *Le Petit Journal*, disponível a qualquer pessoa, mediante um pagamento modesto, na Librairie Nationale.

Acima do artigo há uma desbotada foto em preto e branco. É notavelmente nítida para o período e foi tirada por um jornalista que, por acaso, estava com sua máquina fotográfica nos jardins do Trocadéro.

O capitão Declan Broekhart é facilmente reconhecível na foto, assim como sua mulher, Catherine. Ele, bonito com seu uniforme vermelho e dourado dos Atiradores das Ilhas Salgadas, ela, abalada, mas sorrindo. E ali, protegido na dobra do braço do pai, está o bebê Conor, já com fartos cabelos louros e a testa larga e inteligente da mãe. Com apenas dez minutos de vida e, por algum truque da luz ou acaso fotográfico, parece que os olhos de Conor estão fixo num ponto. O que é impossí-



vel, claro. Mas imagine que se estivessem mesmo, de algum modo, a primeira visão do bebê Conor seria um céu francês sem nuvens. Não é de espantar que tenha virado o que virou.

### Paris, verão de 1878

A Feira Mundial seria o evento mais espetacular já visto, com mais de mil expositores de todos os cantos do mundo.

O capitão Declan Broekhart viajara das Ilhas Salgadas à França por insistência de seu rei. Catherine o acompanhava porque havia pedido, já que era a cientista da família e ansiava por ver pessoalmente a alardeada Galerie des Machines, com invenções que prometiam melhorar seu futuro. O rei Nicholas os havia mandado a Paris investigar a possibilidade de uma divisão de balões para a Muralha das Salgadas.

No terceiro dia da viagem, os dois pegaram uma charrete e seguiram pela Avenue de l'Opéra, para observar a demonstração de balões do Departamento de Aeronáutica nos jardins do Trocadéro.

— Está sentindo? — perguntou Catherine. Ela pegou a mão do marido e pôs na barriga. — Nosso filho está chutando, doído para se libertar. Ele anseia por testemunhar pessoalmente estes milagres!

Declan riu.

— Ele, *ou ela*, terá de esperar. O mundo ainda estará aqui, dentro de seis semanas.

Quando chegaram aos jardins do Trocadéro, os Broekhart encontraram o Esquadrão Aeronáutico à sombra da Estátua da Liberdade, ou melhor, de sua cabeça. A estátua seria pre-



senteada aos Estados Unidos quando ficasse pronta, mas por enquanto apenas a cabeça da Dama da Liberdade estava em exposição. A estrutura de cobre parecia deixar pequena a maior parte das outras obras expostas na feira e era incrível imaginar como a estátua seria colossal quando finalmente montasse guarda no porto da cidade de Nova York.

O Esquadrão Aeronáutico havia inflado um balão dirigível num trecho de gramado e estava educadamente mantendo a multidão a distância com uma corda de veludo. Declan Broekhart se aproximou do soldado de sentinela e lhe entregou sua carta de apresentação com o lacre do embaixador francês nas Ilhas Salgadas. Em minutos os dois estavam reunidos ao capitão do esquadrão, Victor Vigny.

Vigny era ágil e bronzeado, com nariz torto e cabelos muito pretos que se mantinham eretos no couro cabeludo como a folhagem de um arbusto de jardim.

— *Bonjour*, capitão Broekhart — disse ele, retirando a luva branca e apertando calorosamente a mão do oficial das Ilhas Salgadas. — Estávamos esperando-o. — O francês fez uma reverência profunda. — E esta deve ser Madame Broekhart. — Vigny olhou para a carta, fingindo confusão. — Mas, *madame*, aqui não diz como a senhora é bela.

O sorriso do francês era tão encantador que os Broekhart não puderam se ofender.

— Bom, capitão — disse Vigny, girando o braço teatralmente para apresentar seu balão. — Apresento-lhes *Le Soleil*, o Sol. O que acham?

O dirigível inegavelmente era magnífico. Um alongado envelope cor de ouro oscilando suavemente acima do cesto forra-



do de couro. Mas Declan Broekhart não estava interessado nos enfeites, e sim nas especificações.

— Um pouco mais *pontudo* do que os outros que vi — observou ele.

— *Aérodynamique* — corrigiu Vigny. — Ele desliza pelo céu como seu xará.

Catherine soltou-se do braço do marido.

— Uma mistura de algodão e seda — disse inclinando a cabeça para trás, para olhar o balão. — E duas hélices no cesto. Belo trabalho. A que velocidade ele viaja?

Vigny ficou surpreso em ouvir essas observações técnicas vindas de uma mulher, mas disfarçou o choque com algumas piscadelas rápidas, depois deu a resposta em tom de lisonja:

— Dezesseis quilômetros por hora. Com a ajuda de Deus e de um bom vento.

Catherine puxou um canto do couro, revelando o cesto trançado por baixo.

— Vime e salgueiro — disse. — É um bom amortecedor.

Vigny estava encantado.

— É. *Absolument*. Este cesto durará quinhentas horas no céu. Os cestos franceses são os melhores do mundo.

— *Très bien* — respondeu Catherine.

Em seguida arrepanhou as saias e subiu os degraus de madeira para o cesto, demonstrando uma agilidade notável para uma grávida de oito meses. Os dois homens se adiantaram para impedi-la, mas Catherine não lhes deu tempo de falar.

— Ouso dizer que conheço mais sobre a ciência da aeronáutica do que vocês dois. E não acho que atravessei o mar Celta para ficar parada num lindo campo enquanto meu marido experimenta uma das maravilhas do mundo.



Catherine estava perfeitamente calma ao fazer essa declaração, mas apenas um imbecil deixaria de perceber a dureza em sua voz.

Declan suspirou.

— Muito bem, Catherine. Se o capitão Vigny permitir.

A única resposta de Vigny foi um dar de ombros gaulês que dizia: *Permitir? Sinto pena de quem tentar ficar no caminho desta mulher.*

Catherine sorriu.

— Muito bem, está resolvido. Vamos decolar?

*Le Soleil* soltou as amarras pouco antes das três horas daquela tarde, subindo rapidamente para uma altitude de algumas centenas de metros.

— Estamos no céu — suspirou Catherine, segurando com força a mão do marido.

O jovem casal olhou para cima, para a barriga do balão. A seda estremecia com a brisa e brilhava ao sol. Ondas douradas percorriam sua superfície, roncando como um trovão distante.

Abaixo deles, os jardins do Trocadéro eram lagos de esmeralda, com a cabeça da Dama da Liberdade rompendo a superfície como um titã das lendas.

Vigny acionou um pequeno motor a vapor, mandando energia para as duas hélices. Felizmente o vento afastou a fumaça para longe do cesto.

— Impressionante, *non?* — gritou o francês, acima do estardalhaço do motor. — Quantos vocês estão pensando em encomendar?

Declan fingiu que não estava impressionado.

— Talvez nenhum. Não sei se essas hélices pequenas terão algum efeito contra um vento oceânico.



Vigny já ia discutir os méritos de seu dirigível a vapor quando um estalo agudo ecoou no céu. Era um barulho familiar aos dois soldados.

— Um tiro! — disse Vigny, olhando para o chão.

— De fuzil — observou, sério, Declan Broekhart. Como capitão dos Atiradores das Salgadas, conhecia bem o som. — De longo alcance. Talvez um atirador de elite. Veja, ali.

Uma pluma de fumaça cinza-azulada subiu para o céu, da borda oeste do jardim.

— Fumaça de pólvora — observou Vigny. — É de pensar quem seria o alvo.

— Não precisa pensar, *monsieur* — disse Catherine com a voz abalada. — Olhe para cima. O balão.

Os dois homens examinaram o invólucro dourado em busca de um furo. Ambos encontraram. A bala havia entrado pelo quadrante inferior de estibordo e saído pela seção superior de bombordo.

— Por que não estamos mortos? — perguntou Declan.

— A bala não foi suficiente para provocar a ignição do hidrogênio — explicou Vigny. — Um projétil incendiário provocaria isso.

Catherine ficou tremendamente abalada. Pela primeira vez em sua curta vida a morte estava próxima, e não apenas a sua. Ao entrar no cesto do balão havia posto em risco a vida do filho. Cruzou os braços sobre a barriga.

— Temos de descer. Depressa. Antes que o invólucro se rasgue.

Nos abalados minutos que se seguiriam, Vigny provou sua habilidade como aeronauta. Empoleirou-se na borda do cesto, segurando uma escora numa das mãos e o cabo de liberação de



gás na outra. Com uma batida da bota, empurrou a cana do leme mais para longe. *Le Soleil* girou num arco suave. Vigny pretendia fazê-lo descer dentro da área isolada pela corda de veludo.

Declan Broekhart ficou ao lado da esposa. Por mais que Catherine fosse forte e teimosa, o tiro a havia abalado. Isso teve o efeito de adiantar a hora do nascimento do filho. O corpo percebeu que corria perigo mortal, por isso a melhor chance para o bebê estava no mundo lá fora.

Um espasmo de dor fez os joelhos de Catherine se dobrarem. Ela tombou para trás, protegendo a barriga com os braços.

— Nosso filho está vindo — ofegou. — Ele se recusa a esperar.

Vigny quase caiu de seu poleiro.

— *Mon Dieu*. Mas, *madame*, isso é impossível. Não posso permitir que isso aconteça na minha nave. Nem sei se isso traz sorte ou azar. Terei de verificar o manual do aeronauta. Para mim não seria surpresa se tivéssemos de sacrificar um albatroz.

Vigny tinha o hábito de falar bobagem quando estava ansioso. Em sua opinião, o senso de humor nos momentos de perigo era tremendamente cavalheiresco. Isso não o impedia de cumprir seus deveres. Guiou o dirigível habilmente na direção do local de pouso escolhido, compensando os vazamentos com hábeis puxões no cabo do gás.

No piso apertado do cesto, Catherine lutava para dar à luz seu filho. Sua perna chutou involuntariamente quando a dor chegou. O chute foi de sorte, acertando o marido no queixo e arrancando-o da beira do pânico.

— O que posso fazer, Catherine? — perguntou ele, mantendo a voz firme, o tom leve, como se dar à luz num balão em queda fosse a coisa mais natural do mundo.



— Me segure firme — respondeu Catherine com os dentes trincados. — Ponha o peso do seu corpo para eu empurrar.

Declan obedeceu, gritando para Vigny por cima do ombro:

— Firme. Mantenha-o firme, homem.

— Fale com o Todo-poderoso — retrucou Vigny. — Ele é que está mandando o vento, não eu.

Estavam em condições razoáveis. O invólucro fora danificado, porém mantinha a integridade. Os Broekhart, amontoados no piso, envolviam-se no trabalho de trazer vida ao mundo.

Teriam conseguido. Vigny já estava imaginando o primeiro gole de champanhe que havia planejado pedir no momento em que seus pés tocassem o chão firme, quando o ar foi rasgado por tiros. Os dois disparos furaram o balão, e desta vez o efeito foi mais sério. Um passou direto, como o anterior, mas o segundo acertou uma costura, fazendo um rasgo correr pelo topo do balão. Ar e gás gritaram, saindo do dirigível abalado, como um bando de espíritos malignos.

Vigny caiu violentamente dentro do cesto, ricocheteando nas costas largas de Broekhart. Agora estavam nas mãos de Deus. Com o invólucro tão danificado, o francês não poderia ter nenhum controle sobre o caminho do balão. Eles caíram depressa, com o invólucro se desinflando acima.

Catherine e Declan ignoraram seu próprio destino, concentrando-se no do filho.

— Estou vendo o bebê — disse Declan, gritando ao vento.

— Está quase chegando, querida.

Catherine Broekhart conteve o desespero que clamava na mente e empurrou o bebê para o mundo. Ele chegou sem um grito, estendendo a mão para segurar o dedo do pai.

— É um menino — disse ele. — Meu filho forte.





Catherine não se permitiu sequer um minuto para se recuperar do breve trabalho de parto. Inclinou-se adiante e agarrou a lapela do marido.

— Você não pode deixá-lo morrer. — Era uma ordem, pura e simples.

Vigny enrolou o recém-nascido com sua jaqueta azul do Esquadrão Aeronáutico.

— Só podemos rezar — disse.

Declan Broekhart ficou de pé, captando num olhar a gravidade literal da situação. Agora o cesto estava praticamente em queda livre, desviando-se para o leste, na direção da cabeça da Dama da Liberdade. Qualquer impacto considerável certamente resultaria na morte do bebê, e ele fora proibido de permitir isso. Mas como evitar?

A sorte os salvou, pelo menos temporariamente. O invólucro gastou seu último fôlego, depois se empalou no terceiro e no quarto raios da coroa da liberdade. O tecido se rasgou, embolou-se e ficou preso entre os raios, interrompendo a descida monstruosa do cesto.

— A Providência — ofegou o capitão Broekhart. — Fomos poupados.

O cesto balançava como um pêndulo, a cada passagem roçando na curva inferior da bochecha da Dama da Liberdade. O busto de cobre ressoava, atraindo curiosos como se fossem fiéis à igreja. Catherine agarrou o filho recém-nascido, absorvendo o impacto do melhor modo que podia. Os fios do invólucro estalavam como tiros.

— O balão não vai aguentar — disse Vigny. — Ainda estamos a seis metros de altura.

Declan assentiu.



— Precisamos prendê-lo à estátua. — Em seguida agarrou as âncoras do *Le Soleil* e jogou uma para Vigny. — Uma caixa do melhor vinho tinto se você conseguir acertar o lançamento.

Vigny testou o peso da âncora.

— Champanhe, se o senhor não se importar.

Os dois jogaram suas âncoras entre os últimos dois raios da coroa da Dama da Liberdade. A mira foi boa e as âncoras bateram nos cachos da estátua e deslizaram para trás, provocando fagulhas quando as superfícies de metal se chocaram. As âncoras se prenderam nas duas laterais da coroa e ficaram firmes. Declan e Vigny passaram rapidamente um laço de corda pelos aros de proa e popa do cesto, prendendo-os com firmeza.

Bem a tempo. Com o guincho de uma ave marinha, o tecido do balão se rasgou, soltando-se da coroa da estátua, fazendo o balão cair mais um metro, num movimento de revirar o estômago, até que as cordas da âncora sustentaram o peso. As cordas gemeram, esticaram-se e aguentaram.

— Agora meu cesto é um berço para o seu bebê — ofegou Vigny, e depois: — Champanhe. Uma caixa. Quanto antes, melhor.

Declan se agachou abaixo da borda do cesto, puxando o punho do francês até que ele também se abaixasse.

— Seu caçador pode ter mais balas para gastar — disse.

— É verdade — concordou Victor Vigny. — Mas acho que deve ter fugido. Não somos mais um alvo tão grande, e nesse ponto os *gendarmes* devem estar atrás dele. Imagino que fosse um anarquista. Eles andaram fazendo ameaças.

Nos jardins do Trocadéro, toda a multidão havia se amontoado embaixo do cesto. Tinham vindo à Feira Mundial espe-



rando espetáculo, mas ali havia grande aventura. O Esquadrão Aeronáutico encostou escadas compridas no cesto de vime para resgatar os passageiros do *Le Soleil*. Catherine desceu primeiro, ajudada pelo galante capitão Vigny. Depois veio o pai, cheio de orgulho, aninhando no colo o bebê milagroso. As pessoas ofegaram e avançaram. *Uma criança. Não havia nenhuma criança no cesto quando ele decolou.* Era como se o mundo nunca tivesse visto um bebê antes.

*Nascido no céu. Imagine só. Uma criança de assombro.*

Damas e cavalheiros se acotovelavam despudoradamente, ansiando por um vislumbre do rosto angelical.

*Vejam, os olhos dele estão abertos. O cabelo é quase branco. Será por causa da altitude?*

Alguém estourou uma garrafa de champanhe e um conde italiano distribuiu charutos cubanos. Era como se todo o grupo estivesse comemorando a sobrevivência do bebê. Vigny pegou a garrafa, tomando um gole enorme.

— Perfeito — suspirou, passando-a a Declan Broekhart.

— É um garoto encantado. Como você vai chamá-lo?

Broekhart riu, numa felicidade delirante.

— Pensei em Engel. Ele veio do céu, afinal de contas. E nosso sobrenome é flamengo.

— Não, Declan — disse Catherine, acariciando o cabelo louro-branco do filho. — Mesmo sendo um anjo, ele tem a testa do meu pai. O nome dele é Conor.

— Conor? — perguntou Declan, fingindo protesto. — Irlandês, do seu lado da família. Flamengo do meu. O menino é um vira-lata.

Vigny acendeu dois charutos, entregando um ao pai orgulhoso.



— Agora não é hora de discutir, *mon ami*.

Declan assentiu.

— Nunca é. Conor, é como ele vai se chamar. Um nome forte.

Vigny bateu com os nós dos dedos no queixo da Dama da Liberdade.

— Qualquer que seja o nome, o menino tem uma dívida para com a Liberdade.

Foi o segundo presságio do dia. Conor Broekhart acabaria pagando sua dívida para com a liberdade. O primeiro presságio, claro, foi o nascimento no ar. Talvez ele virasse um piloto do ar mesmo sem *Le Soleil*, ou talvez algo tenha sido desperdado no garoto naquele dia. Uma obsessão pelo céu que iria consumir a vida de Conor Broekhart e a de todos ao redor.

Assim, alguns dias depois do famoso nascimento de Conor, o capitão Declan Broekhart e sua família viajaram da França de volta ao minúsculo Estado soberano das Ilhas Salgadas, junto ao litoral da Irlanda.

As Ilhas Salgadas eram governadas pela família Trudeau desde 1171, quando o rei da Inglaterra, Henrique II, as deu a Raymond Trudeau, um cavaleiro poderoso e ambicioso. Era uma piada cruel, já que as Ilhas Salgadas mal passavam de rochas infestadas por gaivotas. Colocando Trudeau no controle das Ilhas Salgadas, Henrique cumpriu seu contrato de conceder ao seu cavaleiro uma propriedade na Irlanda, mas também deixou claro aos cavaleiros declaradamente ambiciosos o que havia acontecido.

Quando Raymond Trudeau questionou a doação do rei, Henrique emitiu a *Repreensão Trudeau*, citada com frequência.



“Discordas daquele que foi nomeado pelo próprio Deus”, teria dito Henrique. “Talvez Monsieur Trudeau considere a si mesmo acima de seu rei. Talvez Monsieur Trudeau se considere adequado para um cargo real. Que seja. Tomarás as Ilhas Salgadas com minha bênção, mas não como barão. Tu és o rei delas. Rei Raymond I. Não exigirei dízimos nem tributos de ti nem de teus descendentes, em condição perpétua, e, como uma recompensa a mais, podes usar sua coroa na minha corte. O que quer que encontrares naquelas ilhas abundantes será teu.”

Trudeau não pôde fazer nada além de uma reverência e agradecer gaguejando, por mais que as palavras fossem amargas. Era um insulto terrível, já que não havia nada a ser encontrado nas Ilhas Salgadas além de aves marinhas e seu cocô; e pouca coisa crescia ali, graças à chuva de borrifos do mar que cobria as duas ilhas nas marés violentas, dando às Ilhas Salgadas nada mais do que o nome.

Mas a sorte de Raymond Trudeau não era tão ruim quanto parecia. Depois de seu banimento para as Ilhas Salgadas, uma estranha caverna brilhante foi descoberta por um de seus homens que estava pondo fogo nas gaivotas para espantá-las dos poleiros. A caverna era um depósito glacial de diamantes. A maior mina jamais descoberta, e a única da Europa. Henrique havia nomeado Raymond Trudeau rei da propriedade mais valiosa do mundo.

Setecentos anos depois, a família Trudeau ainda estava no poder, apesar de mais de uma dúzia de tentativas de invasão por parte de exércitos ingleses, irlandeses e até mesmo piratas. A famosa Muralha das Salgadas se mantinha firme contra canhões, tiros e aríetes, e os célebres Atiradores das Salgadas eram treinados para arrancar os bigodes de um pirata a um





quilômetro e meio de distância. Havia apenas dois tipos de empreendimentos nas Salgadas: diamantes e defesa.

A prisão das Salgadas estava apinhada até quase estourar, com os mais imundos restos da humanidade assassina que a Irlanda e a Grã-Bretanha tinham a oferecer. Eles trabalhavam na mina de diamantes até cumprirem a pena ou morrerem. A maior parte morria. Uma sentença na Pequena Salgada era sentença de morte. Ninguém se importava, de fato. As Salgadas vinham enriquecendo muitas pessoas havia séculos, e nenhuma dessas muitas pessoas queria a mudança do *status quo*.

Mesmo assim, a mudança estava chegando. Agora havia um novo rei no trono das Salgadas, um americano, o rei Nicholas I, ou o *Bom rei Nick*, como era conhecido num número cada vez maior de lares. Com apenas seis meses no poder, o rei Nicholas já havia melhorado drasticamente a qualidade de vida de seus 3.000 súditos, abolindo impostos e construindo um moderno sistema de drenagem que atravessava a cidade de Fortaleza do Promontório, na ponta norte da Grande Salgada.

Quando o iate real, o *Razorbill*, atracou no porto das Salgadas ao amanhecer, depois de uma viagem de três dias vindo da França, o próprio rei Nicholas veio recebê-lo. Para dizer a verdade, ele não se parecia muito com os outros reis da época; era um homem de 37 anos, com aparência jovem, vestindo roupas de caça, feitas de couro, e um quepe achatado. Suas costeletas eram aparadas, com um padrão de cicatrizes desbotadas em forma de jogo da velha, na testa, devido a um encontro com uma mina terrestre. Um estranho poderia presumir que Nicholas seria o guarda-caça do rei, mas jamais o rei. Não havia pompa nem circunstância no sujeito e ele vivia com toda a simplicidade possível num palácio real. Nicholas havia servido como



escaramuçador e balonista durante a Guerra Civil Americana, e diziam que ele dormia no banco da janela em seu quarto real porque a cama era macia demais.

Nicholas era uma nova estirpe de rei europeu. Que estava decidido a usar qualquer poder que possuísse para melhorar a qualidade de vida do maior número possível de pessoas. O bom rei Nick. Declan Broekhart gostava dele como se fosse um irmão.

Declan jogou o cabo de proa do iate e saltou no cais para cumprimentar seu monarca.

— Majestade — disse com uma ligeira reverência.

O rei Nicholas devolveu a reverência, depois deu um soco no ombro do amigo.

— Declan! Por que demorou tanto? Li sobre seu maravilhoso bebê aéreo antes de vê-lo. Só rezo para que ele tenha herdado as feições da mãe.

Enquanto os homens compartilhavam risos, Catherine pisou na prancha de desembarque, segurando seu fardo precioso enrolado numa manta.

— Catherine — disse Nicholas, pegando o braço dela. — Não deveria estar descansando?

— Já descansei demais a bordo. — Catherine puxou a manta do pequeno Conor até abaixo do queixo. — Agora seu mais novo súdito gostaria de conhecer o rei.

Nicholas olhou para dentro das roupas amplas, encontrando um rosto de bebê nas sombras. Ficou um pouco desconcertado ao encontrar os olhos do menino fixos e aparentemente o avaliando.

— Ah — disse ele, recuando ligeiramente. — Tão... alerta.

— É — respondeu Catherine, orgulhosa. — Ele tem olhos de atirador de elite, como os do pai.



Mas o rei Nicholas viu mais do que isso.

— Talvez. Mas também tem o queixo dos Broekhart. Teimoso a não mais poder. Mas a testa é sua, Catherine. Um cientista, talvez, como a mãe. — O rei fez cócegas no queixo do bebê Conor. — Precisamos de cientistas. Um mundo novo está chegando em nossa direção, vindo da América e também da Europa. As Salgadas só permanecerão independentes se tivermos algo a oferecer ao mundo, e a mina de diamantes na Pequena Salgada não vai durar para sempre. Cientistas, é disso que precisamos aqui. — O rei Nicholas calçou luvas de montaria. — Ensine-o bem, Catherine.

— Farei isso, majestade.

— E leve-o ao palácio. Apresente-o a Isabella.

— Vou levá-lo depois do café da manhã — prometeu Catherine. Nicholas deu um sorriso triste.

— A mãe de Isabella teria um presente pronto e embrulhado. O presente perfeito. — O rei ficou em silêncio um tempo, lembrando-se da esposa, depois se animou. — E agora, Declan, desculpe por levá-lo embora, mas parece que alguns contrabandistas de ópio se enfiaram na Caverna de Lady Walker. Bem debaixo do nosso nariz.

— Eu cuido disso, majestade. Será que o senhor poderia acompanhar Catherine até nossos aposentos?

— Bela tentativa, capitão — riu Nicholas, batendo palmas. — Espera me manter longe do perigo. — O rei estava empolgado de novo, com o velho soldado que havia nele adorando a caçada. Diferentemente da maioria dos velhos soldados, ele não gostava de matar. Aqueles contrabandistas seriam mandados para trabalhar na mina de diamantes na prisão da Pequena Salgada, mas não sofreriam qualquer mal, a não ser que fosse inevitável.





— Venha agora, temos a luz do amanhecer e maré baixa. Os criminosos não gostam de acordar cedo, portando devemos pegá-los cochilando.

O rei levou a mão ao quepe, saudando Catherine, depois seguiu pelo cais em direção a uma pequena companhia da cavalaria das Salgadas. Na verdade era toda a divisão montada do Exército das Salgadas. Uma dúzia de cavaleiros hábeis montando garanhões irlandeses. Dois dos cavalos estavam sem cavaleiros.

Declan estava ansioso para ficar com a esposa, porém sentia-se mais ansioso ainda para realizar seu trabalho.

— Preciso ir, Catherine. O rei vai acabar se machucando ao pular naquelas cavernas.

— Vá, Declan. Mantenha-o em segurança; as ilhas precisam do bom rei Nick.

O capitão Broekhart beijou a esposa e o bebê, depois seguiu o rei Nicholas até onde a cavalaria esperava, com os cascos dos cavalos arrancando lascas da madeira do cais.

— Seu pai, o herói — disse Catherine ao bebê Conor, acenando com a minúscula mãozinha para Declan. — Agora vamos para casa e nos preparar para conhecer uma princesinha. Quer conhecer uma princesa, meu cientista teimoso?

Conor gorgolejou. Parecia que sim.

